

Xiitas matam palestinos internados em hospitais

Das Agências Internacionais

Em sua ofensiva contra os campos de refugiados palestinos de Sabra, Chatila e Bujr El-Barajneh, localizados em Beirute, capital do Líbano, os integrantes da milícia xiita Amal, apoiados por destacamentos do Exército libanês, invadiram hospitais, fuzilaram guerrilheiros feridos e mataram também os civis ali internados. O ataque da Amal (grupo muçulmano apoiado pela Síria, cujo líder máximo é o ministro da Justiça libanês, Nabi Berri) começou dia 19. A rádio "Beirute" estima as vítimas fatais em 368 e os feridos em 1.700.

O testemunho de civis mostra que a falta de misericórdia virou rotina na guerra civil libanesa. Uma enfermeira do Hospital de Gaza, no campo de Sabra, relatou que, ao entrarem naquele centro médico, na semana passada, os milicianos xiitas mataram a sangue frio 21 combatentes palestinos feridos. Fizeram o mesmo a outros dois internados no Hospital Americano de Beirute. Mas a matança não atingiu apenas guerrilheiros. Segundo os enviados da rádio "BBC", de Londres, e do jornal inglês, "Sunday Times", os xiitas explodiram granadas em várias enfermarias, matando os pacientes indiscriminadamente.

Último ato antes da paz síria?

GILLES LAPOUGE
Nosso correspondente

Prevalece a idéia segundo a qual os últimos massacres de Sabra e Chatila, os campos palestinos de Beirute, pelas forças xiitas da Amal apoiadas pelo Exército libanês, que esses massacres foram orquestrados pelos dirigentes de Damasco, numa perspectiva que pode ser resumida da seguinte maneira: esmagar os últimos elementos palestinos da OLP de Arafat, única força capaz agora de retardar a tomada do Líbano pela Síria.

Algumas provas: foi na capital Síria, Damasco, que o dirigente dos xiitas da Amal, Nabih Berri, decidiu usar a força contra os militantes palestinos que permanecem fiéis a Arafat, sendo Arafat o inimigo jurado da Síria. Além disso, para atacar os campos palestinos do Sul de Beirute (Sabra, Chatila e Bourj Baraneh), os xiitas da Amal receberam o apoio da Sexta Brigada do Exército regular libanês. Ora, essa Sexta Brigada é composta de xiitas, naturalmente, mas de xiitas pró-sírios.

Conflito mata 268 pessoas em 5 dias

Beirute — Apesar de cinco dias de violentos combates, que já causaram 268 mortos e mais de 900 feridos, as milícias xiitas muçulmanas não tinham conseguido, na tarde de ontem conquistar totalmente os três campos palestinos de Sabra, Chatila e Burj Barajneh. O número de vítimas deve-se elevar consideravelmente já que, pela manhã, a Cruz Vermelha libanesa retirou destes campos outros cem cadáveres e uma fonte palestina informou que ainda existem mortos e feridos.

Em Brasília, o escritório no Brasil da OLP divulgou comunicado qualificando o cerco aos acampamentos de "uma nova página na história do genocídio contra os palestinos", descrevendo a dramática situação dos refugiados, privados de água, alimentos e assistência médica, e afirmando que enquanto o povo palestino não tiver seu Estado, continuará submetido à rotina dos massacres.

Correspondentes da British Broadcasting Corporation (BBC), do jornal Sunday Times e de outros meios de comunicação informaram, segundo a agência americana UPI, que os palestinos estavam sendo mortos indiscriminadamente pelos xiitas, que também arremessavam granadas contra hospitais.

Arafat denuncia conspiração

Amã — O chefe da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, denunciou ontem que os ataques da milícia muçulmana xiita contra os campos de refugiados em Beirute faziam parte de uma conspiração com a Síria e Israel para eliminar os combatentes palestinos do Líbano.

Arafat disse também numa entrevista à imprensa nesta capital que os palestinos são vítimas de novas matanças e do genocídio na capital libanesa. "Trata-se de uma grande conspiração contra nossos campos de refugiados, con-

Em Trípoli, Líbia, o coronel Muamar Kadafi advertiu que "o controle do Líbano pela Síria não deve ser estabelecido sobre os cadáveres de palestinos".

Diplomatas denunciam ação síria

JOHN KIFNER
Do N. Y. Times

NICÓSIA — O último atentado em Beirute parece fazer parte de uma tentativa da Síria de impor sua vontade ao Líbano dividido, servindo-se, para tanto, de intermediários. Essa opinião foi expressa por diplomatas e por fontes libanesas.

Um diplomata ocidental bem informado — um dos poucos que ainda servem em Beirute Ocidental, dominada por muçulmanos — comentou: "Isso pode ser classificado, sem dúvida, como uma ação empreendida pela Síria".

Outro diplomata acrescentou: "O que estamos vendo é o pulso de ferro da Síria, que se manifesta na ação de terceiros".

tra nosso povo, contra nossas crianças, contra nossas mulheres", disse Arafat. Afirmou ainda que Amal, a maior milícia xiita do Líbano, havia feito "um acordo secreto... para proteger o Exército israelense contra os ataques dos combatentes da resistência palestino-libanesa. A prova pode ser vista claramente em Sur (Tiro) e em Beirute". Os milicianos do grupo Amal, apoiados por unidades xiitas do Exército libanês, vem atacando os campos de refugiados de Sabra, Chatila e Bourj El — Barajneh há quatro dias.

EDITORIAL

Os martirizados acampamentos de Sabra e Chatila são novamente alvo de ataques. Sabra foi arrasada, Chatila resiste heroicamente enquanto o acampamento vizinho de Burj Al-Barajneh sofre o assédio. Os carrascos desta vez se denominam xiitas. O nome não importa. O que realmente importa são os objetivos desta sangrenta perseguição: destruir as raízes do povo palestino, impedir sua organização e tentar dispersá-lo.

Os palestinos já foram vítimas de infindáveis massacres e sempre sobreviveram: Deir Yassim, em abril de 1948; Qibya, em outubro de 1953; Kufr Kassem, em outubro de 1956; Tal Al-Zaatar em 1976; Sabra e Chatila, em 1982, além de muitos outros.

A maior parte desses massacres foi praticada por terroristas sionistas ou pelo exército israelense.

O genocídio perseguiu os palestinos no exílio, através de seitas religiosas fanáticas, por governos árabes reacionários ou por lacaios do governo de Israel.



Não me recordo agora do nome do autor da frase, matar uma pessoa é crime, matar milhares é estatística. Mas posso afirmar com certeza que, se ele pensava conhecer a natureza humana, ignorava por completo a alma do povo brasileiro.

As manifestações de solidariedade que nos têm chegado de todos os cantos do país, de repúdio ao massacre de palestinos no Líbano, vêm confirmar que a bondade do povo brasileiro, tão hospitaleiro e amigo, não conhece limites.

A Organização para a Libertação da Palestina gostaria de agradecer a todos, pessoalmente, as manifestações de solidariedade, neste momento tão dramático. Mas na impossibilidade de fazê-lo, deixa nesta página e nas seguintes, o registro desta solidariedade tão comovente e amiga, na certeza de que um dia o povo palestino, recuperada a sua pátria, saberá retribuir a grandeza demonstrada por seus irmãos brasileiros.

REVOLUÇÃO ATÉ A VITÓRIA.

Dr. Farid Suwan

Representante da O.L.P. no Brasil

SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDAR

AS AUTORIDADES REUNIDAS NA CIDADE DE SANTOS NO DIA 02 DE JUNHO DE 1985, NA ABERTURA OFICIAL DO 29 CONGRESSO ESTADUAL DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, PRESTAM SOLIDARIEDADE AO POVO PALESTINO COM A SEGUINTE MOÇÃO:

A ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, A O.L.P – ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA E AOS ORGANISMOS INTERNACIONAIS QUE LUTAM PELA PAZ, JUSTIÇA E AUTO DETERMINAÇÃO DOS POVOS: NESTE MOMENTO TRISTE, DOLOROSO E DRAMÁTICO EM QUE VIVE O POVO PALESTINO NOS CAMPOS DE SABRA, CHATILA E BURJ AL-BARAJNEH EM BEIRUTE, REAFIRMAMOS NOSSA SOLIDARIEDADE A ESTE POVO E CONDENAMOS TODOS OS AGENTES PROVOCADORES DESSES MASSACRES BARBÁROS.

ASSINAM:

ALMIR PAZZIANOTO
MINISTRO DAS RELAÇÕES DO TRABALHO

MARCOS GADELHO
CEPAM

PAULO DUARTE
PRESIDENTE DA UNIAO DOS VEREADORES DO ESTADO DE SÃO PAULO

PEDRO LOMBARDI
SUPERINTENDENTE DO DOP

ORESTES QUERCIA
VICE GOVERNADOR DE SÃO PAULO

JOSE CARLOS DIAS
SECRETARIO DA JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

JOAO CUNHA – DEPUTADO FEDERAL
HORÁCIO HORTIZ A – DEPUTADO FEDERAL

AUDALIO DANTAS – DEPUTADO FEDERAL

WANDERLEI MACRIS – DEPUTADO ESTADUAL

FLOREANO LEANDRINI – DEPUTADO ESTADUAL

NEFI TALES – DEPUTADO ESTADUAL
PAULO SOGAJAR – DEPUTADO ESTADUAL

PEDRO GUILHERME DE ANDRADE
ASSESSOR DO PREFEITO MARIO COVAS

JOSE ALCINDO JOSE CHECON – CHEFE GABINETE DEPARTAMENTO DE AGUAS ESGOTOS E ENERGIA DE SÃO PAULO

PREFEITOS, VICE, PRESIDENTE DE CAMARA, SECRETARIOS.

GUMERCINDO DOMINGO E LIMA – ITAQUAQUECETUBA

GERALDO DE CARVALHO – GUARULHOS

GILSON MENEZES – DIADEMA

JOSE LUIS G. MARCHIS – JORDANOPO- LIS

JOSE C. TOMIN – INDAIATUBA
OSWALDO JUSTO – SANTOS

JULIO MARCONDES – GARÇA
JOSE D. RODRIGUES – IRAPUA
GIL CANDIDO DE FREITAS – ORINDI- UVA

GERALDO MARINHEIRO – BATATAIS
PEDRO MALTOREZIO – AURIFLAMA

GENESIO MACIEL – PORTO FELIZ
JURACY DOMINGOS – ITAPECERICA DA SERRA

TACITO C. SILVA – PRESIDENTE VEN- CESLAU

ALFREDO SORMANI – BOCAINA
ESMERALDO TARQUINEO NETO – VI- CE PREF. SANTOS

FRANCISCO BUENO – VICE - ITAPECE- RICA DA SERRA

JOEL SANTOS – VICE PREF.
JOSE PEDRO SATI – VICE PREF. GARÇA

ARY DANTON MOREIRA – PRES CAMA- RA TEODORO SAMPAIO

JOSE LOPES BOCRO – PRES CAMARA BATATAIS

ORLANDO APARECIDO DE OLIVEIRA GONÇALVES – DIRETOR CAMARA BATATAIS

GERSON MARCONDES FILHOS – SE- CRETARIO PLANEJAMENTO GUA- RULHOS

JOSE ROBERTO AATJE – SECRETARIO PROMOÇÃO SOCIAL GUARULHOS

JOSE LUIZ FAULIN – PRES PMDB SAN- TOS

ALUISIO MENDES – PRES PMDB SAO VICENTE

VEREADORES:
FAUSTINO SILVA – GUARULHOS

CARLOS R. FREDERIC – AURIFLAMA
JOSE DOMINGUES DOS SANTOS – PRES CAMARA DE PIRAPORA

BENEDITO GONÇALVES SILVA
JOAO COVEM

JOSE DOS SANTOS
JOSE CARLOS TRAFANI – SAO JOAO DA BOA VISTA

RODOLFO SEBIM
ANTONIO CARLOS DA SILVA

ANDRE LUIZ PEREIRA
JOSE OMAR F. DA SILVA – JARDINO- POLIS

UBIRATAN FIGUEIREDO – SAO CAE- TANO DO SUL

A. J. DALANESE – SAO CAETANO DO SUL

PAULO DE SOUZA – SAO VICENTE
F. A. AVETHO

ERNESTO ZWANA JR.
JOSE MARCIO MUGAO SULEIMAN – PI- RACICABA

FERNANDO SESTARI – JARDINOPOLIS
FREITAS NETO

GUILHERME GUERRA
JURACY

BENEDITO MASSANBABI
IARA CAMPOS

WILSON FROIO JUNIOR
BRUNO LUIZ LEONARD

ANTONIO C. B. – BATATAIS
WAGNER M. MOURA

PAULO SERGIO COVAS – BATATAIS
HELIO C. – ARAÇATUBA

VALTER PEREIRA DIAS FILHO – ARA- ÇATUBA

DENIS FINAMORE – LOUVEIRA
ALCIDES EDUARDO – LOUVEIRA

LUIZ SEIXAS VIANA
EDMIR MESQUITA – SANTOS

AGNES – POA
JOSE FERREIRA DANTAS – TEODORO SAMPAIO

RAIMUNDO BARROS – VIÇOSA MINAS GERAIS

JOSE FERREIRA PONTES – VIÇOSA – MINAS GERAIS

JOSE L. VINETO – ITAQUAQUECETUBA
JOSE FAUSTINO – ITAQUAQUECETUBA

ISSAC JORGE HUSTON JR. – PIRACICA- BA

ANTONIO CARLOS SIMOES
SILVANA PILICO ELME – SAO CAETA- NO DO SUL

CLISON VIEIRA
JOSE FERREIRA SANTOS – TEODORO SAMPAIO

ALAOR MARCOS – VIÇOSA – MINAS GERAIS

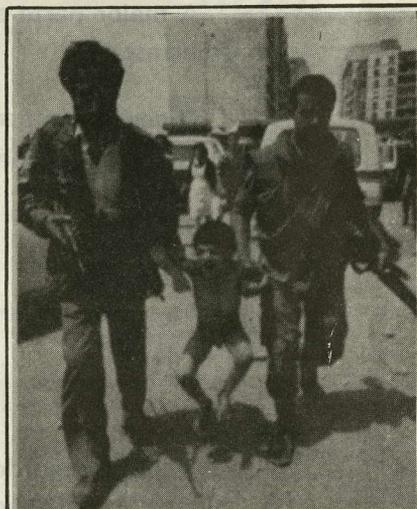
HENRIQUE PORTELA
RUBENS CAMPOS

LUIZ CARLOS RIBEIRO
JOSE EDUARDO SILVA

JOSE F. SILVA NETO
VALDECY SOUZA

RAMOS DE OLIVEIRA
ROSA PEDROSO – ICÉM

PAULO OZI – ITAPETININGA



Cenas de rara crueldade, o hospital palestino de Maqassad foi invadido e doze pacientes assassinados a tiros. Velhos e crianças que escaparam dos tiros foram carregados à força para fora dos bairros palestinos.

VEJA, 12 DE JUNHO, 1985

FRANCISCO VEI – ITAPETININGA
TEODORO VIEIRA – ITAPETININGA
ANTONIO CAMARGO – ITAPETININGA
JOAO CARLOS ALTONATI

EX-VEREADORES, PRESIDENTE DE ENTIDADES E PROFISSIONAIS LIBERAIS
DARCIO CAMPOS – SUPLENTE A VE- READOR – CAMPOS

LAMIR VAZ LIMA – COORDENADOR EXECUTIVA PMDB DE SANTOS

YVONE DE OLIVEIRA MOROZETTI – DIRETORA TECNICA FEBEM SAO VICENTE

ODILIO BOMARTE – DIRETOR DEASA
FRANCISCO MELFIA – JORNALISTA

IDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE S

LEVINO PONCIANO – JORNALISTA DE JALES
PAULO MATON – JORNALISTA DE JALES
ANTONIO DE COSTA – JORNALISTA DE JALES
JOSE ROBERTO AMAUIMI – JORNALISTA DE JALES
JOSE NADER – JORNALISTA DE JALES
FRANCISCO V. SILVA – JORNALISTA DE JALES
FERNANDO AUGUSTO DUCA – JORNALISTA DE JALES
FERNANDO ALLEMBIA – JORNALISTA DE JALES
ATAMAZILO C NOVO – ASSESSOR SECRETARIA SANTOS
ALEXANDRINO LIMA – JORNALISTA
DIRCE TEIXEIRA – JORNALISTA
INOCENCIO ERBELLA – EX. PREFEITO DE BATATAIS
DIONISIO OKADA – EX. VEREADOR BATATAIS
JOSE PASCOAL VAZ – PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ECONOMISTAS DE SANTOS
DIOGO MATOS – ASSESSOR PREF. DE GARÇA
JOSE FRANGETOSO – JORNALISTA IBERE DOVAL
JOSE ASSIS – EMPRESARIO
JOSE FERNANDO SPIR – ENGENHEIRO
HUMBERTO NOGUEIRA – ADVOGADO
RAQUEL DE MORAES MIRANDA – BANCARIA
ANTONIO GARCIA – ADVOGADO
ERMIRIO MOSCHI – BANCARIO
JOSE C. B. MELO – ENGENHEIRO
ELIAS SANTOS FERREIRA – ADMINISTRADOR
IVANIR M. FILHO – COMERCIANTE
RUBENS SANTANA – ENGENHEIRO DE MANUTENÇÃO
JOSE GOUVEIA FILHO – ENGENHEIRO CIVIL
MANUAL NEVES DE MEDEIROS – ADMINISTRADOR
JOSE MACHADO DE CAMPOS FILHOS – ADVOGADO
MARCOS ANTONIO SALTO – PROFESSOR
ASSESSORES – ASSISTENTES TECNICOS DE PREFEITOS E CAMARAS MUNICIPAIS
WALDEMIR JOSE DE CARVALHO
JOAO C. AZEVEDO
LUIZ G. TESSANIN
MARCOS ANTONIO G. TEIXEIRA
FABIO CALIXTO
JOAO COHER
LEILA FRANCO LEAL
SEBASTIAO M. DE OLIVEIRA
RUBENS ASSIS
GERSON KOGNA
PAULO ROBERTO CARMESINI
MARCOS ANDRADE
MEIRE FRANCISCA DO CARMO
JOSE LUIS MARQUES DA SILVA
GENIVAL VIEIRA
CLAUDIO ASHCAR
MANOEL A. JARMINDIA
ROBERTO KARAN
CARLOS E. MURRA
LUIZ CARLOS EVERALDO
MARCOS MASCARENHA
ALDO CARDOSO

MANOEL DE CARVALHO
IRINEU C. COUTO
EUCILDES FERNANDEZ
MARIO CAMMAROSANO
JOAO E. B. GOMES
ANTENOR B. SANTANA
DANTAS FRANCO
LAUREDI ORGES SANDIN
ANTONIO CARLOS MENDES
LUIZ A. M. RODRIGUES
ORIVALDA CABRIOCCI
SERGIO PIMENTAO MOITA
NIVALDO CABRIOCCI
ANTONIO FABIANO
CLAUDIO DIONISIO
MARCOS FERNANDEZ
MANOEL GUILHERMINO
CLAUDIO RUIS ALVA
LUIZ ARAUJO
NILSON G. EVARISTO
RUBENSVAL R. MENEZES
ENILDA AMANCI
DILSON APARECIDO GRECI
ANTONIO CARVALHO
FRANCISCO MIGUEL
PEDRO CALIM NETO
EDER FIALDO
ANTONIO FIDALGO
JOSE MARIO DUZIATO
MAUOR JOSE VIDAL
ALBERTO L. MADEIRA
MARCOS FRAGA GOMES
JOSE CARLOS RIVERO
IVONE W. M. MOREIRA
ELZA CAMARGO
DIVA DAMAS
RICARDO SANTANA
WALDOMIRO JOSE DE CARVALHO
JOSE AVELINO DE OLIVEIRA
DANILO CARVALHO
MAURO VAZ DE SOUZA
ROBERTO B. PEREIRA
PEDRO RABELO SILVA
ELOI MENDES
JOAO L. CUNHA
RONALDO SIMOES
FLAVIO IDEAM
EDIVALDO SILVA
MARCIO SILVA
CARLOS A. MENDES
ITALO ALVARENGA
JOSE MATOS
LEVI BUCALEM FERRARI
FRANCISCO GILITELLO
WALDEMAR DONACAL
RICARDO NICOLAU
DOMINGOS STAMANO
JOAO EVANGELISTA FILHO
MARIO ANTONONI
CARLOS DOMIANI
AMADEU SIMOES COSTA
JOSE SOARES BUENO
LUIZ ANTONIO PAULINO
GERALDO MARIANO
ROBERTO MOCERIRO
LUIZ A. M. RODRIGUES
JORGE SUZUKI
FERNANDO COLIBRI
ANTONIO FAGA JUNIOR
EDUARDO FERRAZ
ELIAS SANTOS FERREIRA
LUIZ FREITAS
CARLOS PERRONI
FERNANDO ALVES
RODOLFO CAMARGO
CELIO YUNES

ROGERIO LUIZ SIQUEIRA
INACIO BARBOSA
SERGIO ANTONIO
LUIZ CARLOS EVELI
CASSIO NOVO
ALBERTO TOZO
EZIO M. BONITO
LEONARDO DE OLIVEIRA
OSVALDO VICARIO
JOSE SWISH

PARTIDO DOS TRABALHADORES MANIFESTA SUA SOLIDARIEDADE AO POVO PALESTINO E REPUDIAM MASSACRES PRATICADOS CONTRA ESSE MESMO POVO PT SAUDAÇÕES
LUIZ INACIO LULA DA SILVA
PRESIDENTE
FRANCISCO WEFFORT
SECRETARIO GERAL
LUIZ EDUARDO GREENHALG
SECRETARIO NACIONAL DE RELACOES INTERNACIONAIS

ESTAMOS SOLIDARIOS COM A LUTA DO POVO PALESTINO. NESTE MOMENTO DE DOR E ANGUSTIA PELOS ACONTECIMENTOS NOS CAMPOS DE SABRA E CHATILLA, NOS UNIMOS A ESTE VALOROSO POVO NA LUTA CONTRA O IMPERIALISMO E O SIONISMO. VIVA A OLP.

SINDICATO DOS METROVIARIOS DE SAO PAULO

SOLIDARIOS SORTE POVO PALESTINO ESPERAMOS FINAL GUERRA GENOCIDA PT
CONSELHO INDIGENISTA MISSIONARIO

OS ESTUDANTES BRASILEIROS APOIAM OS PALESTINOS DOS CAMPOS DE SABRA E CHATILLA E REPUDIAM TODOS OS AGENTES PROVOCADORES DESSES MASSACRES
UNIAO NACIONAL DOS ESTUDANTES



OLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIEDADE SOLIDARIE

OS CAMPOS DE REFUGIADOS PALESTINOS NO LIBANO ENCONTRAM-SE NOVAMENTE SOB CERCO E ELEVA-SE TODOS OS DIAS O NUMERO DE VITIMAS DE MASSACRES E CHACINAS. ATEH QUANDO?

HAH POUCO FORAM OS FACISTAS DAS FALANGES CRISTAS QUE PERPETRARAM, SOB A PROTEÇÃO DO EXERCITO ISRAELENSE, O IGNOMINIOSO MASSACRE DE SABRA E CHATILA.

A VIDA INSURGE-SE CONTRA A BARBARIE. OS PALESTINOS (PARA ONDE IR) PERMANECIAM EM SABRA E CHATILA. AGORA SÃO OS XIITAS, APOIADOS PELA SIRIA E SEMPRE SERVINDO AOS INTERESSES DO IMPERIALISMO AMERICANO E ISRAELENSE QUE PARTEM PARA O MASSACRE DE PALESTINOS.

CONSIDERANDO A ABSOLUTA IMPOSSIBILIDADE DA OMISSAO DIANTE DO MASSACRE QUE VEM SOFRENDO O POVO PALESTINO NO LIBANO, PROPOMO A SEGUINTE MOCAO:

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SAO PAULO APELA AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA NO SENTIDO DE DETERMINAR AO NOSSO MINISTERIO DE RELACOES EXTERIORES E AO NOSSO REPRESENTANTE NA ORGANIZACAO DAS NAÇOES UNIDAS QUE ENCAMINHEM AO GOVERNO LIBANES E AO GOVERNO DA SIRIA O PROTESTO E A REPULSA DOS BRASILEIROS AOS MASSACRES QUE VEM SOFRENDO O POVO PALESTINO NO LIBANO, ASSIM COMO INICIATIVAS VISANDO UMA AÇÃO DECIDIDA DA ONU NO SENTIDO DA PROTEÇÃO AOS REFUGIADOS PALESTINOS.

SALA DAS SESSOES, EM 30 DE MAIO DE 1985

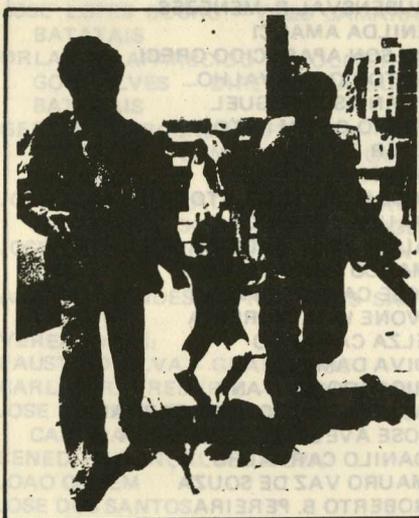
PAULO FRATESCHI

AS ENTIDADES ABAIXO ASSINADAS REUNIDAS HOJE DAS 20:00 AS 22:00 HORAS NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SAO PAULO REPUDIAM O MASSACRE DE PALESTINOS COMETIDO PELA MILICIA XIITA AMAL COM O PATROCINIO DO GOVERNO DA SIRIA NOS ACAMPAMENTOS DE SABRA, CHATILLA E BURJ EL BARAJNEH, CRIARAM UMA COMISSAO DE ORGANIZACAO DE UM ATO DE SOLIDARIEDADE A SER REALIZADO NESTA ASSEMBLEIA NO DIA 13 DE JUNHO PROXIMO AS 16:00 HORAS SERAO CONVIDADOS TODOS OS PARTIDOS POLITICOS, OAB, ABI, COMISSAO DOS DIREITOS HUMANOS, CONCLAT, CUT E DEMAIS ENTIDADES DEMOCRATICAS TODO APOIO OLP

UNIAO NACIONAL DOS ESTUDANTES
UNIAO ESTADUAL DOS ESTUDANTES DE SAO PAULO
UNIAO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS
UNIAO METROPOLITANA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS
UNIAO DA JUVENTUDE SOCIALISTA
SINDICATO DO METROVIARIOS DE SAO PAULO
FEDERAÇÃO PALESTINA SANAUD

"A CAMARA MUNICIPAL DE SAO JOSEH DOS CAMPOS-SP, BRASIL, POR INICIATIVA DO VEREADOR JOAO BOSCO, PRIMEIRO VICE LIDER DO PMDB, E DECISAO DE PLENARIO, INTERPRETANDO O SENTIMENTO INTERNACIONALISTA PROLETARIO DOS TREZENTOS E CINCOENTA MIL HABITANTES DO MUNICIPIO, MANIFESTAM A MAIS AMPLA SOLIDARIEDADE AOS REFUGIADOS PALESTINOS DE SABRA E CHATILA E BURJ AL-BARAJNEH, VITIMAS DA SANHA DE GRUPOS FANATICOS - SIONISTAS, FALANGISTAS E AGORA PELA ORGANIZACAO XIITA AMAL, A SOLDO DO GOVERNO FACISTA SIRIO".

VEREADOR JOAO BOSCO - PMDB
CAMARA MUNICIPAL DE SAO JOSEH DOS CAMPOS-SP



FIEL AO ESPIRITO SOLIDARIO DE NOSSO POVO, O PARTIDO DEMOCRATICO TRABALHISTA DE SAO PAULO EXPRESSA A MAIS ENERGICA CONDENACAO AOS MASSACRES DE PALESTINOS EM SABRA, CHATILA E BURJ EL BARAJNEH E REITERA O APOIO A LUTA DO POVO PALESTINO, NO ENTENDIMENTO DE QUE RECONHECER O SEU DIREITO A VIVER EM UM ESTADO LIVRE E SOBERANO EH A UNICA SOLUCAO PARA O CONFLITO. PELA PAZ E PELA CONVIVENCIA FRATERNA ENTRE OS POVOS
PARTIDO DEMOCRATICO TRABALHISTA
COMISSAO EXECUTIVA REGIONAL DE SAO PAULO
SECRETARIA DE RELACOES INTERNACIONAIS

A UBES ENTIDADE QUE REPRESENTA 28 MILHOES DE ESTUDANTES SECUNDARISTA SE SOLIDARIZA COM POVO PALESTINO SUA JUSTA LUTA. COMO TAMBEM REPUDIAR OS ATAQUES XIITAS PATROCINADOS PELO GOVERNO SIRIO CONTRA ACAMPAMENTOS PALESTINOS DE SABRA CHATILLA E BURJ EL BARAJNEH.
DELCIMAR PIRES
PRESIDENTE DA UNIAO BRASILEIRA DE ESTUDANTE SECUNDARISTAS

MAIS UMA VEZ DIANTE AGRESSOES SOFRIDAS POVO PALESTINO LIBANO MANIFESTAMOS IRRESTRITA SOLIDARIEDADE ESTE POVO, REPUDIANDO MASSACRE QUE CORRESPONDE INTERESSE IMPERIALISMO AMERICANO NA REGIAO. PELA PAZ COM DIREITO AUTO-DETERMINACAO POVO PALESTINO.

JACO BITTAR
SECRETARIO DE RELACOES INTERNACIONAIS
CENTRAL UNICA DOS TRABALHADORES
AMERICO BERNARDES
COORDENADOR ASIA

AS ENTIDADES ABAIXO CITADAS ASSINAM A SEGUINTE MOCAO: A ONU, A OLP E AOS ORGANISMOS INTERNACIONAIS QUE LUTAM PELA PAZ, JUSTICA E AUTO DETERMINACAO DOS POVOS, NESTE MOMENTO TRISTE, DOLOROSO E DRAMATICO EM QUE VIVE O POVO PALESTINO NOS CAMPOS DE SABRA, CHATILLA E BURJ EL BARAJNEH EM BEIRUTE, REAFIRMAMOS NOSSA SOLIDARIEDADE A ESTE POVO E CONDENAMOS TODOS OS AGENTES PROVOCADORES DESSES MASSACRES BARBAROS.

CARLOS ROBERTO DA SILVA
DIRETORIO REGIONAL PARTIDO DOS TRABALHADORES SANTO ANDRE
ROBERTO BARALDI
SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SANTO ANDRE
DEVANIR MORARI, JOAQUIM DE MORAES
VEREADORES DA CAMARA MUNICIPAL DE SAO CAETANO DO SUL
MARIA LUIZA NOBREGA
VEREADORA DA CAMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRE
HORACIO RAINERI NETO
PRESIDENTE DO PARTIDO DOS TRABALHADORES DE SANTO ANDRE
WALDOMIRO PEREIRA DA SILVA
DIRETORIO PARTIDO DEMOCRATICO TRABALHISTA DE SAO BERNARDO DO CAMPO
EDGAR NOBRE GOMES
PASTORAL DA JUVENTUDE REGIAO A B C D

REPUDIAMOS MASSACRES CONTRA ACAMPAMENTOS PALESTINOS-BEIRUTE RESPONSABILIDADE GRUPO CHITTA AMAL SERVICO GOVERNO SIRIO. SOLIDARIOS CAUSA POVO PALESTINO

ALDO REBELO - COORDENACAO NACIONAL UNIAO DA JUVENTUDE SOCIALISTA

OS PETROLEIROS, ATRAVES SINDIPETRO-CAMPINAS/PAULINIA, PROTESTAM E REPUDIAM VEEMENTEMENTE AO MASSACRE QUE VEM SOFRENDO POVO PALESTINO NO LIBANO. APOIAMOS LUTA POVO PALESTINO PELO DIREITO DE RETORNO AA SUAS LEGITIMAS TERRAS E DIREITO DE ORGANIZACAO ENQUANTO NACAO. PERMANECEMOS SOLIDARIOS E AA DISPOSICAO DE VOSSA SENHORIA.
SALVADOR ANTONIO BOTTEON
PRESIDENTE DO SINDIPETRO

Excelentíssimo Senhor
Yasser Arafat
Digníssimo Presidente do Comitê Executivo
da OLP

Os crimes que estão sendo cometidos pelos xiitas da Organização Amal e seus aliados contra os civis palestinos nos acampamentos de Chatila e Burj Al Barajneh e o genocídio contra Sabra, ferem a consciência civilizada pois são crimes contra todo um povo e consequentemente contra a humanidade, semelhantes aos cometidos pelos falangistas e as tropas sionistas em 1982, nos mesmos acampamentos.

É óbvio que o massacre de palestinos só interessa aos sionistas de Israel. Não existem palavras que expressem totalmente a nossa solidariedade com o povo palestino e com

sua justa luta pela existência e a recuperação de sua terra ocupada, assim como pelo direito à autodeterminação e criação de seu próprio Estado.

A Liga Parlamentar de Amizade e Cooperação Árabe-Brasileira, que é integrada pela maioria dos membros do parlamento brasileiro, continuará apoiando os palestinos até a reconquista de seu território.

Atenciosamente,

Liga Parlamentar de Amizade e Cooperação
Árabe-Brasileira
Haroldo Sanford — Presidente
Aíron Soares — Secretário Geral
José Frejat, Hélio Duque, Jorge Uequet,
Leorne Belém — Diretores

NOME PESSOAL E COMPANHEIROS
PARTIDO TRABALHADORES EXPRESSO
PREOCUPAÇÃO E APOIO SITUAÇÃO
ORIENTE MEDIO. NOTADAMENTE VIOLÊNCIA
CONTRA COMPANHEIROS PALESTINOS.
ESTEJAM CERTOS IDEAIS LUTA
INDEPENDENCIA NAO SERAO VENCIDOS
SIMPLEMENTE ASSASSINATOS DIRETOS
OU INDIRETOS. PODEM CONTAR APOIO
MORAL E IDENTIFICACAO COMPANHEIROS
PALESTINOS.

VER. ANTONIO HOHLFELDT
LIDER DO PT — CAMARA MUNICIPAL
PORTO ALEGRE

Sobrinho defende causa palestina

Na solenidade de entrega da Comenda Filinto Muller ao representante da OLP no Brasil, Farid Suwwan, ocorrida ontem na Assembléia Legislativa, o deputado Osvaldo Sobrinho (PMDB) fez um pronunciamento de defesa da causa palestina, garantindo que o povo mato-grossense, representado naquele momento por deputados de todos os partidos, apoia a luta dos palestinos, por considerá-la justa, pois trata-se da defesa dos oprimidos para ele, os povos do mundo inteiro deveriam abraçar a cau-

sa palestina, porque ela significa uma luta em favor de todos os que estão sendo massacrados pelas superpotências.

Osvaldo Sobrinho ressaltou a consciência dos brasileiros que reconhecem a OLP como verdadeira representante dos palestinos, os quais durante toda uma vida vêm sendo obrigados a lutar para defender a terra a que tem direito procurando uma paz justa em que se respeite a soberania das nações.

Salientou ainda, que embora seu apoio à causa palestina seja aberto "não teme represália por parte de ninguém, pois em Mato Grosso há a consciência das causas nobres e justas.

O deputado compara a luta dos palestinos — embora de forma diferente — ao processo político brasileiro, em que muitos foram torturados, presos ou exilados por que buscava um sistema onde houvesse a justiça, as igualdades sociais e a democracia". "Hoje nós

brasileiros, depois de vários anos de sofrimento com a ditadura, podemos buscar o melhor caminho do desenvolvimento porque foi restabelecida a democracia no País, onde convivem pacificamente todas as correntes de pensamento ideológico ou de religião", disse o parlamentar, acrescentando ao final que espera que o Congresso Nacional reconheça em breve o representante da OLP não apenas como um chefe de escritório de representação, porém, como um embaixador da Palestina.

"O ESTADO DE MATO GROSSO"

Embaixador acusa, em Cuiabá, EUA e Israel pelo massacre de 1,5 mi



Sobrinho cumprimenta o representante da OLP, Farid Suwwan

O DIA DA TERRA

Maria de Felipe Martinez

Desde 1976, a cada 30 de março os palestinos celebram o **Yom al-Ard** ou Dia da Terra, em protesto contra as desapropriações e o roubo, legalizado ou não, de suas terras ocupadas militarmente por Israel.

Ao denunciar as artimanhas das leis sionistas para expulsá-los de suas terras e substituí-los por colonos, os palestinos foram alvo de uma reação brutal: seis manifestantes morreram fuzilados e centenas feridos.

O dia 30 de março tornou-se um símbolo desde então. O protesto de 1976 foi contra o plano de "judaização da Galiléia", que visava "limpar" aquela região de seus legítimos habitantes para substituí-los por judeus. Já em 1948, o então chefe do Estado Maior das Forças Armadas israelenses, Ygal Yadin, afirmava que "uma minoria árabe, grande ou pequena, será sempre perigosa para nós, tanto em tempo de paz como de guerra".

A Galiléia é esmagadoramente palestina. E segundo a doutrina sionista, o Estado judeu deve ser em todos os seus aspectos e sempre que possível, limpo de árabes.

Assim, o plano de judaização da Galiléia visava dois objetivos fundamentais:

- 1) Expropriação da terra
- 2) Mudança demográfica na região.

Para o roubo de terras, Israel dispõe de variados recursos, baseados em "Razões de Segurança", ou "Utilidade Pública". Isto significa que quando Israel deseja criar uma colônia sionista, basta cercar e desapropriar a área, alegando uma das suas razões expos-

tas, e proibir a entrada de seus proprietários.

Existem ainda outras variantes das leis de desapropriação:

- 1) Lei dos Bens dos Ausentes
- 2) Lei dos Bens dos Ausentes-
-Presentes



O Exército de Israel dinamitou a casa dessa família palestina, na Cisjordânia
(Folha de São Paulo)

A primeira lei determina que todos os palestinos que procuram abrigo ou refúgio durante a guerra fora de seus lares, perdem todos os seus direitos.

Os "Ausentes-Prentes" são aqueles que retornam para casa depois de passado o perigo. Estes também perdem tudo.

A maioria das desapropriações depois da guerra de 1948, se fez com base nestas arbitrariedades, em flagrante contradição com a Convenção de Genebra sobre territórios ocupados em tempo de guerra, da qual Israel é Signatário.

A criação artificial de uma "maioria judia" na Galiléia, era um tarefa decorrente da primeira. Sem a terra, o camponês palestino foi obrigado a partir. Com a segunda, ele, por não ter lugar na sociedade israelense, acaba se transformando num exilado em sua própria terra.

A revolta que tomou conta de toda a população palestina nos territórios ocupados, representou uma tomada de consciência coletiva frente a colonização, a humilhação e a violência, por terem suas terras destruídas e roubadas, tornando-os estrangeiros em seu próprio país.

Os números são bastante significativos: das 475 cidades palestinas em 1948, hoje só restam 90. Populações inteiras foram desalojadas sob a mira dos fuzis e suas casas e lavouras destruídas. Não é raro encontrar nos "kibutz" e nos conjuntos habitacionais, as ruínas que testemunham a existência de cidades e aldeias destruídas para dar lugar aos colonos judeus. Como resultado, três milhões de palestinos vivem hoje como forasteiros em sua terra.

Toda a política israelense tem como objetivo fundamental a expulsão dos palestinos.

Mas para onde?



O eterno êxodo

Os palestinos que conseguem sobreviver aos massacres sionistas, fogem para os países vizinhos, onde se estabelecem em acampamentos precários, como apátridas, sem direitos e sem cidadania, onde também serão perseguidos, vítimas das tensões inter-árabes.

A atual situação do Líbano ilustra bem o trágico destino dos palestinos. Muitos deles já conheceram mais de um êxodo. Primeiro abandonaram a terra natal expulsos pelo exército israelense. Em seguida, depois do difícil assentamento numa terra estrangeira, sofrem nova expulsão, pelo exército israelense invasor, ou por grupos fanáticos que vêm na presença palestina um obstáculo a ser eliminado.

E o que realmente é estarrecedor, é que os mesmos conflitos se repetirão para onde o povo palestino for empurrado.

Não se pode destruir todo um povo, negar a sua existência, como desejam os governantes israelenses. Dizimado, explorado, expulso, o povo palestino nunca perdeu sua unidade, nem sua consciência nacional. Na terra ocupada, resiste e sobrevive como pode. Nos acampamentos de refugiados essa persistência não é menor. Os sionistas pensavam

que o problema seria resolvido pela força. Mas o que se vê hoje, é que a questão palestina sobrepujou todas estas tentativas dos inimigos, transformando-se numa questão de consciência de toda a humanidade.

A maioria dos conflitos do Oriente Médio carregam em sua base o problema palestino. E enquanto não for feita justiça a este povo, os conflitos só aumentarão e envolverão um número maior de governos e nações.

A solução não é empurrar para mais longe o povo palestino, nem submetê-lo a periódicos banhos de sangue. A reivindicação palestina não será apagada pela força. Hoje, de modo especial, fica claro que o povo palestino precisa ter a sua própria terra, seu próprio Estado, e esta é uma necessidade que deve ser proclamada e defendida independentemente de ideologias e simpatias, por uma questão de sentimento humanitário e de justiça. Não se pode imaginar que em fins do século 20 um povo com uma cultura e uma história milenares seja aniquilado.

Para o povo palestino, que desde 1948 luta pela terra, pelo que é seu, que desde 1948 vem sendo cruelmente perseguido, caluniado e injustiçado, todo dia é o Dia da Terra.

A Batalha de Al-Karameh

Segundo os cálculos do Estado Maior das Forças Armadas de Israel, a operação não deveria demorar mais de 15 minutos. Por isso, os preparativos foram meticulosos, não se esquecendo nenhum detalhe. O ano era de 1968 e o dia escolhido foi 21 de março. Até a imprensa foi convocada para acompanhar aquilo que seria mais um passeio das tropas sionistas. O alvo escolhido: o povoado jordaniano de Al-Karameh, onde foram detectadas algumas bases de comandos palestinos da Al-Fatah. O povoado ficava na Margem Oriental do rio Jordão.

Os quinze mil soldados israelenses, especialmente selecionados para a tarefa, apoiados por tanques, pela aviação e ainda contando com ajuda de paraquedistas, fizeram tudo conforme o combinado: cercaram o povoado e iniciaram o despeso de milhares de bombas. Só que ao invés de 15 minutos, a batalha durou 15 horas e ao invés de destruir os comandos palestinos, Israel perdeu 45 tanques, 23 carros blindados, 27 veículos de transporte de tropas, 5 aviões, 200 mortos e dois mil feridos. Tudo isto na Margem Oriental.

Segundo os jornalistas convidados por Israel para presenciar aquilo que seria um "passeio", a batalha prosseguiu na Margem Ocidental, já que os sionistas acabaram batendo em retirada. E ali também as perdas não foram menores: 230 mortos, cinco tanques destruídos e 12 veículos.

Esta batalha é considerada hoje uma das mais gloriosas da Revolução Palestina.

A Fuga

O deputado israelense Dob Shilanski, em entrevista ao jornal Haaretz revelou que muitos jovens israelenses estão abandonando o país. E o que é mais grave, segundo ele, muitos desses jovens eram oficiais que, ao retornarem da guerra, ficaram desempregados. Shilanski disse que encontrou muitos desses oficiais em Nova Iorque e Los Angeles, cidades com as quais eles se sentem mais identificados.



O Recado de Carter

Triste e irritante, assim o ex-presidente Jimmy Carter qualificou a atual política dos Estados Unidos para o Oriente Médio. Carter acusou o presidente Ronald Reagan de demonstrar total ignorância sobre aquela região, prejudicando por completo o já tênue processo de paz, ao preferir a política de ameaças e o uso de força, ao diálogo. Aliás, sobre este último ponto, Carter sugere que o secretário George Shultz deveria convidar o líder Yasser Arafat, da OLP, para um encontro, como primeiro passo para alcançar a paz.

A Morte de Karim Khalaf

Depois da morte de Fahed Al-Kawasmeh, a Revolução Palestina perde mais um de seus líderes. Trata-se do ex-prefeito de Ramallah, Karim Khalaf, que morreu em consequência de um ataque cardíaco, no dia 30 de março último.

Khalaf dedicou toda a sua vi-

da em defesa da causa de seu povo nos territórios ocupados, sofrendo, em consequência disso uma série de atentados perpetrados pelo exército sionista. Não contentes com isso, os sionistas o depuseram do cargo para o qual ele havia sido democraticamente eleito.



Os Palestinos no Líbano

Há anos que se fala sobre os palestinos no Líbano. Frequentemente se diz que este ou aquele acampamento foi bombardeado, que um determinado número de palestinos tornou-se prisioneiro ou que um comando palestino atacou uma colônia israelense. Infelizmente virou rotina na imprensa diária notícias trágicas envolvendo os acampamentos palestinos no Líbano: cercos, represálias, ataques preventivos ou massacres.

O que fazem os palestinos no Líbano? De onde vem toda essa infraestrutura e essa resistência que eles possuem? Por que eles são atacados sem cessar?

Para uma análise, mesmo superficial, sobre a presença palestina no Líbano, é preciso traçar um rápido histórico.

Em 1948, foi implantado o Estado de Israel na Palestina, onde a população árabe (cristãos e muçulmanos) era infinitamente superior à judaica e dois terços formados por árabes palestinos.

O ESTADO DE ISRAEL EXPANDIU SUAS FRONTEIRAS OCASIONANDO A EXPULSÃO DE UM MILHÃO DE PALESTINOS

No mesmo ano de sua implantação, o Estado de Israel expandiu suas fronteiras, ocasionando a expulsão de um milhão de palestinos. Este domínio sobre a Palestina se completaria em 1967, com a anexação de Cisjordânia e Gaza. Daquela data até hoje, Israel transformou em refugiados mais um milhão de palestinos.

Segundo a ONU, existem atualmente 4 milhões e meio de palestinos. Destes, um milhão e oitocentos mil vivem na Palestina ocupada, privados de seus direitos civis e nacionais.

Os demais vivem na condição de refugiados sem poder retornar à sua terra.

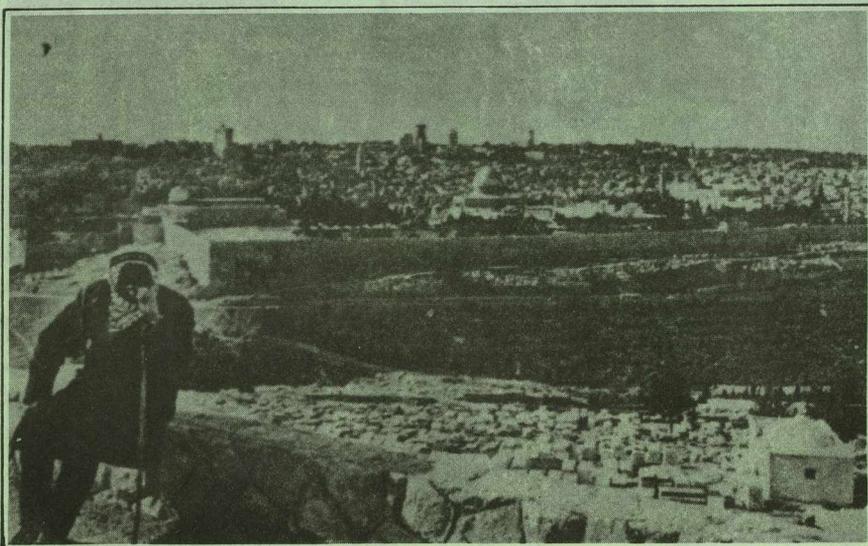
Os palestinos expulsos procuraram refúgio nos países árabes vizinhos, principalmente na Jordânia, Síria e Líbano, agrupando-se em acampamentos provisórios que, com o passar dos dias, tornaram-se permanentes, já que Israel não permite o seu retorno, contrariando todas as normas do Direito Internacional e as Resoluções da ONU.

OS PALESTINOS NO LÍBANO ERAM UTILIZADOS COMO MÃO DE OBRA BARATA

Os primeiros refugiados que chegaram ao Líbano em 1948, foram concentrados no sul do país, sendo posteriormente transferidos, pelo governo libanês, para a periferia das grandes cidades e faixa litorânea para serem utilizados como mão de obra barata.

Os maiores acampamentos de refugiados palestinos estabeleceram-se em Beirute (Tall — Al — Zaatar, Burj — Al — Barajneh, Sabra e Chatila); no sul, próximo às cidades litorâneas (Burj — Al — Shamali, Myeh-Myeh, Ain-Al-Hilueh); ao norte, perto de Tripoli (Baddaui e Nahr-Al-Bared).

Os palestinos criaram sua própria infraestrutura nos acampamentos (água, esgoto, estradas, eletricidade). As barracas foram



se transformando em casas e aos poucos organizaram serviços de saúde, escolas, orfanatos, etc. Isto fez com que os palestinos adquirissem um sentimento de independência.

À luta pela sobrevivência diária, juntava-se outra mais terrível: os ataques israelenses aos acampamentos não escolhiam suas vítimas. Os palestinos se encontravam numa situação desesperadora. O governo libanês não estava disposto a defendê-los e ao mesmo tempo proibia que se armassem e se defendessem. É absurda a tese de que eles se armaram depois de 1970 para lutar contra o Estado libanês. Eles se armaram para se defender dos "ataques preventivos" dos israelenses por uma questão de sobrevivência e autodefesa.

OS CONFLITOS ENTRE OS LIBANESES EXISTIAM ANTES DA CHEGADA DOS PALESTINOS

Outra teoria frequentemente mencionada é a de que os palestinos são culpados por todos os problemas do Líbano. Esta afirmação carece de qualquer fundamento. Em primeiro lugar, os conflitos entre os libaneses (em grande parte herança do colonialismo europeu) já existiam antes da chegada dos palestinos e continuaram existindo antes que os palestinos tivessem peso político ou militar (em 1958, o então presidente Camil Chamoun pediu a intervenção militar norte-americana para "pacificar" o país). Os conflitos entre os libaneses eram frequentes também em áreas onde não havia um só palestino. E isto ficou constatado depois da partida da OLP do Líbano. Os conflitos só aumentaram e se agravaram.

É também conhecido o recurso reacionário e racista de jogar a culpa dos problemas sobre as minorias.

Não faz muito tempo, os fascistas europeus afirmavam que os judeus eram culpados por todos os males do mundo. Hoje, os palestinos são apontados como responsáveis por problemas dos quais eles são as principais vítimas.

OS PALESTINOS NÃO ESTÃO NO LÍBANO POR SUA VONTADE

É necessário lembrar que os palestinos não estão no Líbano por sua vontade. A solução mais óbvia seria permitir que retornassem à sua terra.

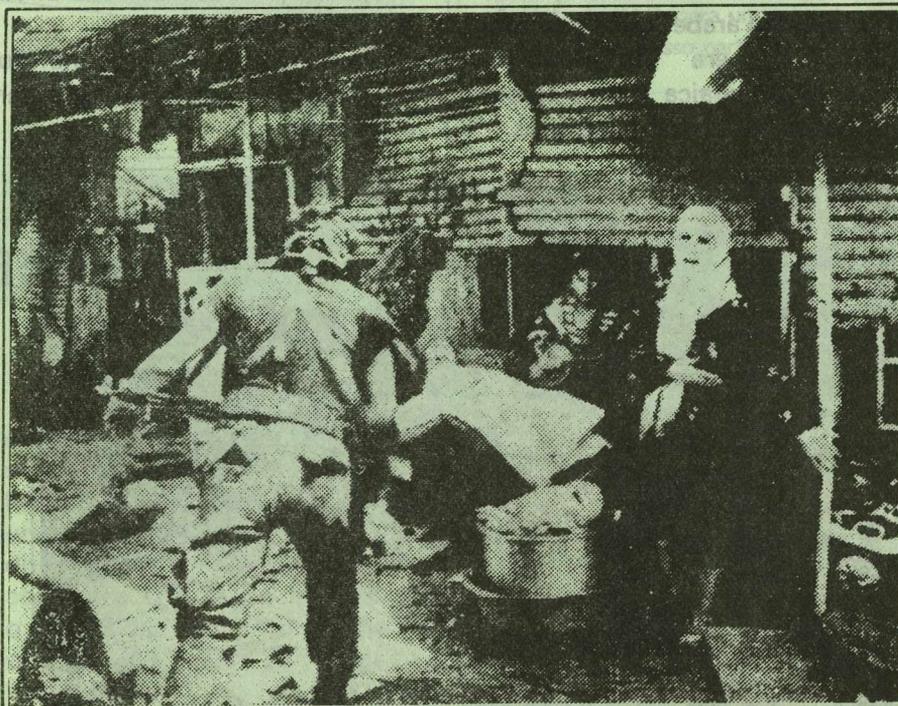
Na realidade, os palestinos começaram a incomodar no Líbano a partir do momento em que começaram a se organizar. Mão de obra barata, impedidos de formar sindicatos ou de integrar-se nos sindicatos libaneses, além de não possuir direitos civis, eles re-



Arafat e a OLP trouxeram novo alento aos palestinos

solveram, depois de 1970, reagrupar-se em torno da OLP, que instalou sua infraestrutura no Líbano, fornecendo aos refugiados respaldo e dignidade, ao mesmo tempo em que abria uma perspectiva concreta de retorno à pátria ocupada.

Compreende-se assim porque a OLP cresceu enormemente no Líbano. Ela criou programas de assistência social e sanitária, escolas, orfanatos e sindicatos palestinos.



As tensões entre a OLP e os grupos reacionários libaneses não tardaram a surgir, mas convém lembrar que estas tensões são produto das crises internas libanesas e não sua causa.

NÚMERO DE VÍTIMAS

A OLP ERA A ÚNICA FORÇA QUE SE OPUNHA AOS ATAQUES ISRAELENSES

Para aqueles que usufruíam do poder e seus privilégios, a presença da Revolução Palestina era vista como uma ameaça. Ao mesmo tempo, essa presença era vista como uma esperança pelas massas. Desta forma, os palestinos se achavam no centro das tensões. Os esforços da OLP para não se envolver na crise libanesa foram mal sucedidos. E não podia ser diferente. Nos conflitos entre libaneses, a OLP alternadamente era atacada ou defendida, não lhe restando outra alternativa que defender-se dos ataques e aliar-se às forças progressistas.

Entre os habitantes do sul do Líbano, por exemplo, a OLP era vista como a única força que se opunha aos ataques israelenses, defendendo assim os libaneses.

Apesar de precária, certa estabilidade tinha se instalado no Líbano antes da invasão israelense. A escalada bélica de Israel contra o Líbano em 1981 e 1982 teve como origem precisamente o fortalecimento da OLP e a estabilidade do Líbano, que criava condições para uma melhor organização dos palestinos.

Na primavera de 1981, o porta-voz do exército israelense, brigadeiro Yaakov Even, declarava:



Até quando esta cena se repetirá?

— “Agora estamos na ofensiva. Somos os agressores. Vamos penetrar através da chamada fronteira do chamado Estado soberano do Líbano e vamos atrás dos palestinos onde quer que eles se encontrem”.

O TERRITÓRIO AO SUL DO RIO LITANI ANEXADO A ISRAEL

Paralelamente surgia no Líbano o que os analistas israelenses chamavam de “camarilha cristã do exército”, grupo de oficiais que apoiavam a tese de que Israel deveria ajudar a falange a tomar o Líbano. E esta idéia não era nova em Israel.

O então primeiro-Ministro de Israel, Moshe Sharet escrevia em 1955, comentando o projeto de Moshe Dayan sobre o Líbano:

“Precisamos encontrar um comandante ou oficial libanês que aceite declarar-se salvador da população cristã. Se não conseguir-

mos convencê-lo, vamos comprá-lo. Aí então, a armada israelense entraria no Líbano, ocuparia o seu território nacional e proclamaria um regime cristão sócio de Israel. O território ao sul do rio Litani seria totalmente anexado a Israel”.

Mas o domínio do Líbano e a conseqüente submissão da OLP era também um sonho do governo sírio. O regime sírio sempre interveio no Líbano, apoiando ora a um grupo, ora a outro, no intuito de manter o controle sobre o país, fraco e dividido em eterna luta fratricida.

O exército sírio, que em 1976 entrou como “pacificador” no Líbano, continua até hoje ocupando o país.

Desde 1975, o plano da divisão do Líbano já era encarado com naturalidade nos Estados Unidos.

É UMA AGRESSÃO PARA OBRIGAR OS PALESTINOS A PARTIREM PARA MAIS UM ÉXODO

Raymond Eddé, dirigente liberal libanês declarava após uma visita aos Estados Unidos, em dezembro de 1975:

“Em todos os meus contatos, oficiais ou não, o tema principal era a partilha do Líbano, com a criação de pequenos Estados confessionais”.

Nesse plano norte-americano, endossado pela Síria e Israel, os palestinos sobravam. Ao mesmo tempo, os novos parceiros sabiam que a OLP era a única força que poderia criar problemas.

Dáí porque os acampamentos palestinos tenham sido alvo de uma violência constante por parte dos exércitos sírio e israelense, bem como de seus aliados, falangistas primeiro e xiitas depois.

Não se trata de uma violência sem objetivo, por mais irracional que possa parecer à primeira vista. Na realidade, é uma agressão sistemática e dirigida para obrigar os palestinos a partirem para mais um êxodo.

A maioria dos refugiados palestinos no Líbano já viveu a

experiência de perder tudo, de fugir para salvar a vida. É êxodo atrás de outro. Israel os expulsa de sua pátria e depois, no exílio, são novamente perseguidos.

É IMPOSSÍVEL CALCULAR O NÚMERO DE VÍTIMAS

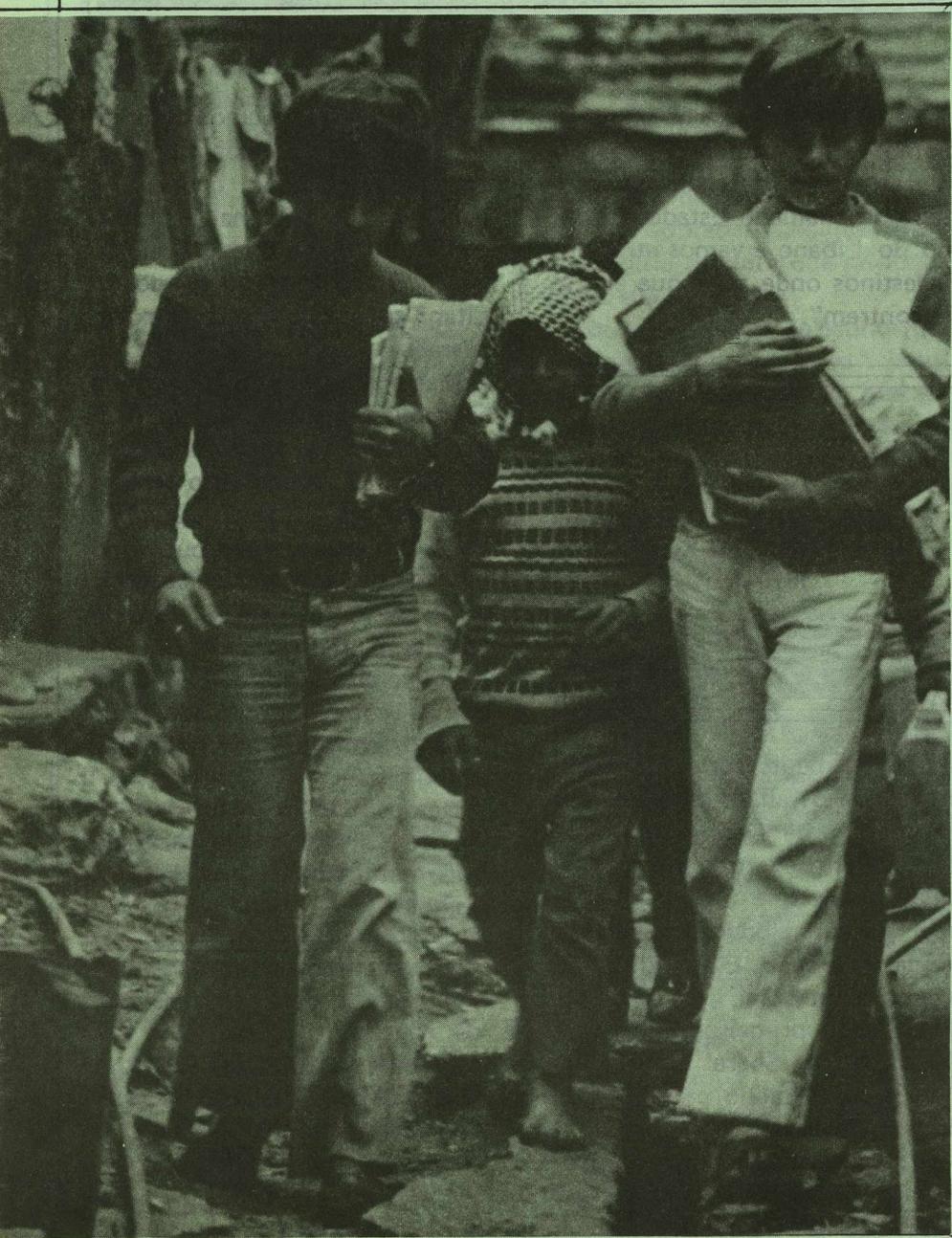
Os massacres de Sabra e Chatila em 1982, não tinham outro objetivo senão provocar o pânico e a fuga em massa. O novo ato da tragédia que hoje se desenvolve em Sabra e Chatila é a continuação de 1982. No momento em estas páginas são escritas, o acampamento de Sabra já foi riscado do mapa, Chatila está ameaçado de correr a mesma sorte e Burj Al-Barajneh resiste heroicamente.

É impossível calcular o número de vítimas, pois os xiitas não permitem a entrada da Cruz Vermelha e nem de outra qualquer equipe de socorro.

Não é difícil concluir porém que esta situação que se arrasta desde 1948, só será solucionada no dia em que o povo palestino recupere de uma vez por todas o seu Estado.

Um avião das linhas aéreas jordanianas foi desviado em pleno vôo por um comando Xiita da Amal. Os sequestradores exigiram, como condição para a liberação dos réfens, a saída de todos os palestinos do Líbano. Mas ir para onde? Como é possível chegar a um grau de fanatismo a ponto de exigir a expulsão de 500 mil pessoas? Estes 500 mil palestinos não têm passaporte, cidadania, nem direitos no Líbano, mas exigir a sua transferência maciça, como se fossem gado, para um destino incerto, é algo que se assemelha às idéias nazistas.

Não é deslocando o povo palestino de um lado para outro, expulsando-o, massacrando-o, que o problema será resolvido.



Os palestinos, apesar das dificuldades, jamais se dobrarão

CRONOLOGIA PALESTINA

MARÇO

- 09.03 Dia do mártir palestino
- 21.03.68 Batalha de Al-Karameh
- 23.03.79 Assassinato do líder palestino ZUHEIR MOHSEN em Cannes – França
- 30.03 Dia da Terra Palestina – comemorado a partir de 30.03.76
- 30.03.85 Falecimento de Karim Khalaf, prefeito de Ramallah – Palestina Ocupada – Khalaf foi demitido do cargo pelas autoridades israelenses, sofreu um atentado em 02/06/80 juntamente com 3 colegas, onde teve suas pernas fraturadas.

ABRIL

- 06.04.73 Assassinato do líder palestino BASIL KUBAISI, em Paris
- 08.04.48 Falecimento do líder guerrilheiro palestino ABDEL KADER AL-HUSEINI, na batalha de Al-Kastal, perto de Jerusalém
- 09.04.48 Massacre de Deir Yassin – morte de 254 palestinos – mulheres, crianças e velhos – Beguin ordenou e participou da matança
- 10.04.73 Assassinato de 3 líderes palestinos em Beirut – KAMAL NASSER, ABU YOUSEF e KAMAL ADWAN, por um comando israelense. 500 mil manifestantes acompanharam seus funerais
- 10.04.83 Assassinato do líder palestino ISSAM SARTAWI em Portugal. Membro do Comitê Executivo da O.L.P., participava da Internacional Socialista na ocasião do atentado
- 20.04.83 Início da greve geral palestina que durou 6 meses, contra as autoridades britânicas.

MAIO

- 10.05.48 Batalha de Bab Al Wad, perto de Jerusalém, onde os israelenses tiveram 300 mortos
- 14.05.48 Fim do Mandato Britânico
- 15.05.48 Usurpação da Palestina pelos sionistas – criação do Estado de Israel
- 16.05.61 Acordo Sykes Picot
- 18.05 Dia de Jerusalém
- 28.05.64 Primeiro Conselho Nacional Palestino em Jerusalém e o surgimento da OLP
- 31.05.73 Morte do líder palestino Hassan Salamah.

BIRZEIT



A Universidade de Birzeit já é considerada como uma prisão nacional nos territórios ocupados, pois está constantemente sujeita aos ataques das tropas israelenses de ocupação, provocando vítimas entre os estudantes árabes palestinos. Recentemente Israel fechou a universidade pela 10ª vez, após matar o estudante Ashraf Al-Taibi, no dia 2 de março último.

Esta invasão tomou a forma de uma verdadeira operação militar. A meia noite do dia 02/03/85, forças israelenses constituídas de 12 carros militares, 2 veículos transportadores de tropas e cerca de 85 soldados e oficiais invadiram o Campus, isolando todos os acessos. Este contingente invadiu todas as salas, quebrando portas e janelas. Invadiram também as casas dos estudantes prendendo 50 deles, libertando-os mais tarde, com exceção de 8 que foram conduzidos para a prisão de Fara'a (que pertence diretamente ao governo militar e não ao Ministério do Interior como os demais).

Esta invasão tinha como objetivo, segundo porta-voz militar, confiscar os livros tidos como subversivos, expostos na Feira do Livro e a Herança Nacional, promovida pela Comissão Cultural da Universidade.

DATAS DAS INVASÕES E FECHAMENTO DA UNIVERSIDADE

26/03 a 01/04/79
03/05 a 02/07/79
14/11 a 22/11/79
16/02 a 16/04/80
26/02 a 16/04/82
08/07 a 08/10/82
15/02 a 28/02/83
02/02 a 02/05/84
02/05 a 02/06/84
02/03 a 09/03/85

As práticas opressoras israelenses assumem diversas formas:

- Locais de revista nas estradas que levam à Universidade de Birzeit.

- Invasão das casas dos estudantes. Expropriação de livros. Torturas, espancamentos e prisões.

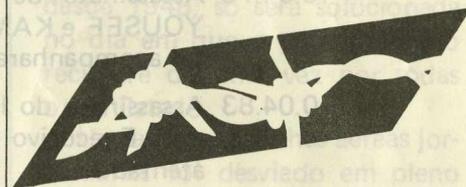
- Punições coletivas. Fechamento da Universidade. Agressão contra a liberdade acadêmica.

- Detenção e prisão sem julgamento. 70% das prisões foram sem razão explícita.

- Paralisação do trabalho voluntário. (mutirão realizado em benefício dos acampamentos ou aldeias palestinas).

- Impedimento de viagem. As autoridades israelenses impedem os professores de sair do país para fazer pós-graduação no exterior ou participar de congressos internacionais.

Tais práticas são aplicadas a todas as universidades palestinas nos territórios ocupados.



A repressão aos estudantes palestinos é diária

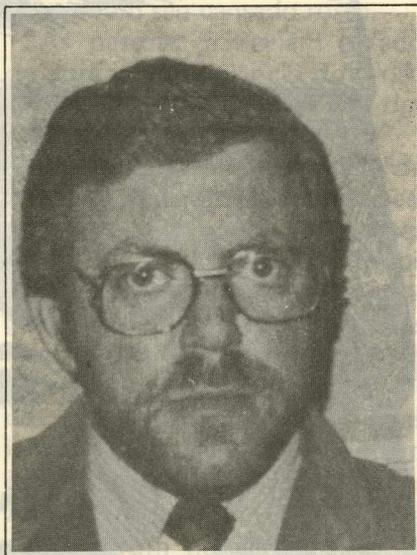
EU ACUSO

O que vocês vão ler a seguir são trechos do depoimento de Charles M. Fishben, ex-diretor do Fundo Nacional Judaico dos Estados Unidos, que esteve em Israel e conheceu de perto o racismo da sociedade sionista, publicados originalmente na Revista Falastin Al-Thaura.

Fui responsável pelo Fundo Nacional Judaico durante 4 anos. Anteriormente fui diretor regional do Apelo Judaico Unificado. Trabalhei durante 12 anos com grupos judaicos dos Estados Unidos. Fiz várias viagens a Israel e em todas elas tenho presenciado um racismo assustador além de violações dos direitos humanos.

Eu e minha mulher temos uma pequena fazenda a 80 milhas de Washington, EUA. Fomos convidados para viver numa colônia do Neguev, em Israel. Antes de mudarmos definitivamente, resolvi conhecer melhor o local e as pessoas que ali vivem. Fiquei duas semanas, o suficiente para conhecer várias famílias e sentir na própria pele o racismo. Explico: adotei um órfão vietnamita, cujo pai foi um soldado negro americano. Esta criança foi convertida ao judaísmo e hoje ela fala o hebraico.

Ao saberem disso, os habitantes da colônia que nos haviam convidado para morar com eles, começaram a me evitar. Fui convocado para comparecer ao escritório da Agência Judaica em Bir-Shiba, onde me informaram que meu filho não seria feliz na colônia e que minha autorização para residir em Israel tinha sido negada. Fiquei surpreso e disse-lhes



que até então eu sempre havia achado que as resoluções da ONU, comparando o sionismo ao racismo, eram injustas, mas que, diante do que estava se passando agora, não havia como negar esse racismo.

Desde então, comecei a ver Israel com outros olhos. Descobri várias coisas que ignorava. Em Gaza, vi como são transportados os operários para as cidades e a exploração dos "beduínos" nos kibutz e nas colônias. Senti como se estivesse na África do Sul, tamanha era a semelhança entre os dois Estados. Notei que o país que tanto amei transformou-se em uma sociedade racista e fascista, mesmo antes da tragédia de Sabra e Chatila.

Agora eu sei como é imoral o trabalho das organizações sionistas. Pretendo entrar com processos jurídicos contra estas organizações para anular a lei que as isenta de impostos.

O caminho não é fácil. O sionismo deve ser revisto, assim como o Estado de Israel. Não acredito que a minha posição seja radical. Esclareço que não sou contra Israel, mas reconheço aos palestinos o direito de ter a sua pátria. Acredito que os palestinos devem entender que nem todo judeu é sionista e inimigo. É uma questão difícil como foi difícil para mim a recusa de minha residência na colônia de Talmy Youssef porque meu filho é negro. Muitos judeus são sionistas por não ter outra alternativa e por falta de conhecimento. Talvez tenham um alto grau de instrução, mas desconhecem a realidade.

As organizações sionistas utilizam de técnicas psicológicas para influenciar a sociedade judaica nos Estados Unidos a ponto de transformá-la em sionista, sem que ela soubesse do resultado desta colocação.

Mentiram para mim. Sei que não é uma bela expressão, mas é a única que acho conveniente.

Folha de Ar-Ramlah

Ghassan Kanafani *

* Foi assassinado por uma explosão sionista, junto com sua sobrinha de 12 anos, quando abria a porta de seu carro, em 1972, em Beirute.

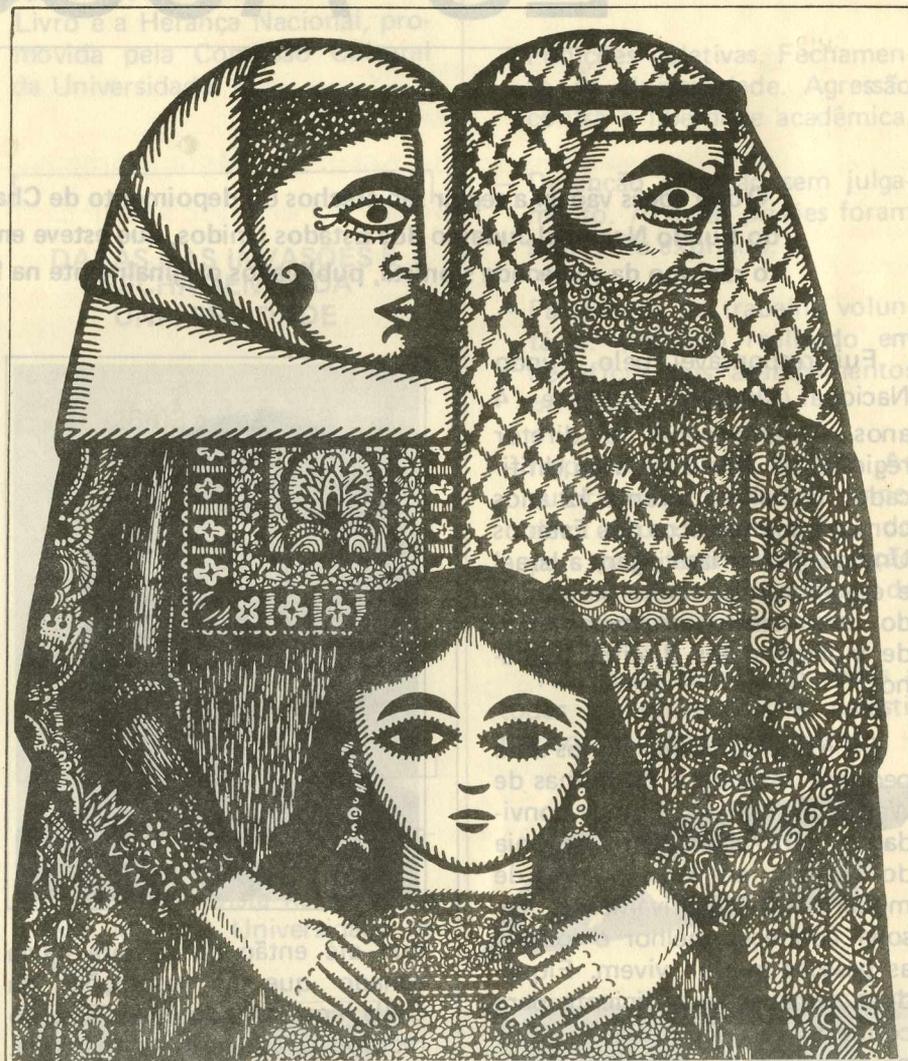
Nos colocaram em duas filas em ambos os lados da rua que comunicava Ar-Ramlah com Jerusalém. Nos obrigaram a levantar as mãos em forma de cruz e quando um dos soldados judeus viu que minha mãe me colocava diante de si, para proteger-me com sua sombra do sol de julho, o soldado me puxou com violência até o meio da poeirenta rua obrigando-me a colocar os braços sob a cabeça e a equilibrar-me somente com um pé.

Tinha eu apenas 9 anos. Quatro horas antes tinha visto a invasão de Ar-Ramlah pelos judeus. Na minha incômoda posição, no meio da rua, via como os judeus buscavam as jóias de velhas e jovens e as arrancavam.

Mulheres soldados faziam o mesmo, mas com muito mais entusiasmo. Minha mãe me olhava e chorava em silêncio e naquele momento senti desejo de poder dizer-lhe que me encontrava bem e que o sol não me incomodava, da maneira que ela estava imaginando.

Eu era a única coisa que minha mãe tinha, pois meu pai havia sido morto um ano antes do começo dos ataques e meu irmão maior havia sido capturado, assim que os judeus entraram em Ar-Ramlah.

O sol começava a castigar os velhos e as mulheres... se levantavam daqui e dali protestos desesperados. Eu continuava me equilibrando em um só pé e ia reconhecendo alguns rostos que costumava encontrar sempre pelas estreitas ruas de Ar-Ramlah. Ao mesmo tempo, surgia em mim um sentimento estranho que tomou conta de mim, quando vi uma soldado judia rindo e puxando a barba de meu tio Abu-Utman.



Meu tio Abu-Utman não era precisamente meu tio, mas sim o barbeiro, o modesto médico de Ar-Ramlah. Gostávamos dele, desde que o conhecemos e o chamávamos de tio por respeito e apreço. Ele estava de pé abraçando sua última filha, Fátima, pequena, morena que olhava com seus grandes olhos negros aos soldados judeus que se aproximavam. Uma soldado morena perguntou:

— Sua filha?

Abu-Utman moveu a cabeça. Preocupado, seus olhos brilha-

vam com uma escura e estranha inspiração. A judia simplesmente levantou sua arma e a dirigiu à cabeça de Fátima, a pequena morena de olhos negros sempre espantados.

Naquele momento passou diante de mim um dos guardas judeus, lhe chamou a atenção a situação e se deteve, com o que impediu que eu visse o que se passava. Mesmo assim, ouvi o ruído de três tiros. Em seguida pude ver o rosto de Abu-Utman agitado e transfigurado por tamanha desgraça.

Olhei para Fátima cuja cabeça estava caída para a frente, enquanto as gotas de sangue se sucediam pelo seu cabelo, para cair naquele poeirento e cálido chão.

Um momento depois passou Abu-Utman pelo meu lado, levando entre seus braços o cadáver de Fátima, a pequena morena, cujos olhos espantados já não tinham vida.

Abu-Utman estava rígido, olhando para um infinito imaginável com um temível silêncio. Passou diante de mim sem me olhar. Acompanhei seus passos até a esquina observando sua corcunda. Voltei a olhar para sua mulher que estava sentada no chão com a cabeça entre as mãos intercalando o choro com gemidos tristes.

Um soldado judeu se dirigiu até ela e lhe ordenou que se levantasse, mas a velha não lhe fez caso: estava desesperada.

Desta vez pude ver claramente o que sucedia. Com meus próprios olhos vi como o soldado lhe deu um pontapé e como ela caiu de costas, com a cara ensanguentada. Depois vi, muito claramente, o soldado colocou o seu fuzil em seu peito e disparou somente um tiro.

Em seguida o mesmo soldado se dirigiu até mim. Me obrigou a levantar o pé que eu sem querer tinha descido.

Obediente, o fiz e fui esbofetado duas vezes. O soldado, em seguida, secou o sangue que tinha em sua mão na minha camisa. Senti um invencível cansaço, olhei para minha mãe, que com os braços para o alto chorava silenciosamente.

Minhas pernas estavam fracas e temi não me sustentassem. Desejei outra vez, correr até a minha mãe para dizer-lhe que não havia doído muito as duas bofetadas, que eu estava bem, e para rogar-lhe que não chorasse.

Meus pensamentos foram cortados pelos passos de Abu-Utman que voltava ao seu lugar depois de ter enterrado a Fátima. Foi quando me lembrei que tinham

também assassinado a sua mulher e que teria que enfrentar agora uma nova desgraça.

Ele se deteve em sua caminhada. Senti medo. Podia ver sua corcunda, molhada de suor, mas imaginava seu rosto: imóvel, calado e com brilhantes e grossas gotas de suor.

Abu-Utman se inclinou para recolher o cadáver de sua mulher, a quem durante tanto tempo eu tinha visto sentada em frente à sua barbearia esperando que ele terminasse de almoçar para voltar com os pratos vazios para sua casa.

Não demorou em passar perto de mim pela terceira vez. Estava sem fôlego e com gotas de suor coladas em seu cansado rosto.

As pessoas já haviam parado de chorar. Um silêncio doloroso tomou conta dos velhos e das mulheres.

Era como se as lembranças de Abu-Utman corroessem as pessoas. As pequenas lembranças que Abu-Utman contou a todos os homens de Ar-Ramlah entregues a ele na barbearia. Estas lembranças que constituíam um mundo particular no peito de todas as pessoas deste lugar. Estas lembranças pareciam corroer com insistência os ossos das pessoas. Abu-Utman tinha sido toda a sua vida um homem pacífico e amável que confiava em si próprio e em todas as pessoas. Construiu sua vida do nada, quando a revolução do Monte do Fogo o jogou até Ar-Ramlah. Tinha perdido tudo e começou de novo, como uma pequena planta verde cresceria na boa terra de Ar-Ramlah. Ganhou o carinho e a satisfação das pessoas. Ao iniciar-se a última Guerra da Palestina vendeu tudo e comprou armas para distribuir a seus parentes para que cumprissem com seu dever na batalha.

Sua barbearia se converteu em um armazém de explosivos e armas, sem querer recompensa para este sacrifício. Tudo o que ele pedia era ser enterrado no bonito cemitério, cheio de grandes árvores, de Ar-Ramlah.

Estas pequenas coisas são as que mantinham as pessoas em silêncio, pessoas que com os rostos molhados de suor, sofriam o peso destas lembranças. Olhei para a minha mãe, que estava de pé levantado, os braços ao ar, firme como se não tivesse estado de pé, durante tanto tempo.

Procurei novamente por Abu-Utman. O vi ao longe enquanto falava com um guarda judeu, gesticulando e apontando para sua barbearia. Não demorou em dirigir-se até a sua barbearia, para voltar com uma toalha branca com a qual envolveu o cadáver de sua esposa, seguindo para o cemitério.

Depois o vi voltar ao longe com passos pesados, braços inertes caídos do lado do corpo, arrastando sua corcunda. Lentamente, ele foi se aproximando de mim, parecia mais velho do que era, coberto de poeira e terra, com falta de ar. Em seu colete gotas de suor misturavam-se com sangue.

Me olhou como se me encontrasse pela primeira vez naquele lugar, olhou prolongadamente enquanto tentava se recuperar da falta de ar. Em seus olhos muitas expressões que eu não podia entender mas sim sentir. Pouco a pouco foi recomeçando a caminhada, lentamente, sufocado, experimentou alguns passos, olhou para mim e finalmente levantou os braços como os demais.

As pessoas daquele lugar não lhes foi dado o direito de enterrar a Abu-Utman como ele desejava, pois quando foi chamado para confessar o que sabia e o que "não sabia", as pessoas ouviram uma aterrorizante explosão que destruiu a casa e que fez o corpo de Abu-Utman se perder entre as ruínas.

Disseram a minha mãe, enquanto nos levavam através das montanhas para a Jordânia, que Abu-Utman quando foi à sua barbearia, antes de enterrar a sua esposa, não voltou somente com a toalha branca.

A Palavra Oficial do Brasil

"Pela sua posição estratégica e pela importância como fonte de suprimento energético, o Oriente Médio constitui palco de conflitos localizados que se convertem em manifestações da confrontação Leste-Oeste. Acompanhamos com apreensão o desenrolar das crises naquela região, especialmente a guerra Irã-Iraque, cujo encaminhamento, a nosso ver, deve ser feito por via da negociação. A questão palestina, entre todas, subsiste como a mais pro-

funda e de conseqüências mais amplas. Sustentamos que o povo palestino deve ter reconhecido o direito de retornar ao seu território, e ali viver em condições de independência, segurança e autodeterminação. Negociações devem ser mantidas, com a participação da Organização de Libertação da Palestina, que representa legitimamente o povo palestino, com vistas ao encaminhamento de uma solução que assegure o direito de todos os Esta-

dos da região, inclusive Israel, a existirem em paz, dentro de fronteiras reconhecidas."

Trecho do discurso do ministro Olavo Setúbal, na Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados. Na ocasião, os deputados José Eudes, Amaury Muller e João Herrmann afirmaram ao ministro que além de reconhecer a OLP, o Brasil deveria permitir também a instação de uma Embaixada Palestina.

CARTAS

Agradeço, prazerosamente, o envio das edições da revista "PALESTINA", aproveitando o ensejo para cumprimentá-los pelo alto nível das publicações, que, norteando as críticas e as suas informações em fatos concretos, soma importantes pontos para a causa justa do povo palestino contra o odioso expansionismo sionista.

Aproveito a oportunidade para enviar saudações fraternais e democráticas.

Antônio Carlos Bueno

Presidente do Diretório do PMDB de Piedade - SP

Vice-Presidente da Câmara Municipal

Recebemos e agradecemos o envio da Revista "Sabra e Chatila, dois anos depois" e os números 1 e 2 da "Revista Palestina".

Lamentamos o que está ocorrendo com os palestinos.

É justa a causa dos palestinos. Merecida será sua vitória.

O terror a que vivem submetidos é um ato de desespero dos que se acham derrotados em todas as frentes.

"E se os palestinos tivessem as mesmas armas?"

Desejamos que um dia, muito breve, os palestinos voltam para suas casas. São os sinceros votos de mais um brasileiro que os admira e respeita.

Antônio Lopes de Abreu

Teresina - Piauá

Solidário ao povo PALESTINO, cônciso de sua luta por uma causa justa e humana, me coloco à disposição dentro de minha atividade profissional.

Geraldo Victor Cotta

Mariana - Minas Gerais

Já de longa data (desde que me foi explicada a "Guerra dos Seis Dias" no ginásio) venho acompanhando atentamente a luta do povo palestino contra o imperialismo sionista. Nesse ano comecei a simpatizar-me com a Causa Palestina e, de lá para cá, essa simpatia só fez crescer.

Infelizmente a Imprensa ocidental (de tendência notadamente sionista) não tem mostrado a verdade dos fatos. Escaramuças, noticiando superficialmente as atrocidades cometidas contra o valeroso povo palestino. Entretanto, recentemente, tomei contato com a REVISTA PALESTINA. Minha alegria foi enorme pois, pela primeira vez, tenho em mãos uma publicação verdadeiramente honesta que leva à tona o outro lado da moeda: o duro lado do povo palestino, sem heroísmos gratuitos e forçados, sem mentiras.

Apenas a lamentar que possuo exclusivamente os números dois (02) e três (03). Faltam-me o número um (01) e a publicação "SABRA E CHATILA - DOIS ANOS DE POIS" que creio, também, de enorme valor. Vitória aos irmãos Palestinos!!!

Lourival Romero

São Paulo - SP

Venho através desta acusar o recebimento regular desta preciosa revista, desde a publicação de "Sabra e Chatila dois anos depois".

Crendo que todo povo deve ter seu sagrado direito a autodeterminação, como o mínimo dos princípios básicos a fraternal convivência das Nações, reiterei meu apoio a justa causa Palestina.

Tertuliano Cabral Pinheiro

Natal - Rio Grande do Norte

Venho por meio deste solicitar que me enviem, se for possível, publicações da Revista Palestina.

Quero lembrá-los que por curiosidade li a Revista nº 3 e a considereei uma revista de alto nível.

Miguel de Jesus Castriani

Curitiba - Paraná

Foi através da REVISTA PALESTINA que realmente tomei conhecimento da real situação do povo palestino, ou melhor, "precisamente depois de ter lido a edição do número 03 - janeiro e fevereiro - 85 que tirei uma série de dúvidas do que este tão massacrado e humilhado povo se submete. Uma verdadeira desumanidade. Para que eu possa me manter atualizado e aumentar mais ainda meus conhecimentos, venho através desta solicitar-lhe, se possível, todas as edições ou números" já publicados, bem como ficar recebendo as futuras publicações. Assidua mente.

Renato José

Teresina - Piauá

Gostaria de receber a Revista Palestina, e outras publicações da Organização para a Libertação da Palestina no Brasil.

Mauro Rontani

Secretário da Juventude do PMDB de Piracicaba - SP

Gostaria de receber os números da Revista Palestina, pois preocupo-me com os problemas dos palestinos, esperando que bem breve sejam solucionados.

Fátima Abdallah

Londrinha - PR

Quero cumprimentá-los pelo bom gosto e a inteligência com que são escritos os artigos. Quero ter o privilégio de ter nas mãos esta publicação.

José Rodrigues da Costa Neto

Campinas - SP

Gostaria de receber a revista PALESTINA para eu participar junto com vocês pela justa luta aos nossos irmãos Árabes Palestinos.

Gostaria também de receber a Publicação - Sabra e Chatila.

LUTA ATÉ VITÓRIA.

Semira Jamal

Itu - São Paulo

CARTAS

Gostaria de receber a revista Palestina, da qual gostei muito, para poder mostrar as verdades aos meus amigos.

Reynan Macedo Rocha
Salvador - BA

Entrando em contato com suas publicações, através de um amigo, gostaria de recebê-las, para melhor esclarecimentos.

Sidnei Marcos Bravo
Campinas - SP

Através da Associação Desenvolvimento Rural Integrado tomei conhecimento da revista Palestina, da qual gostei muito, e gostaria de receber os demais números.

Osmar Soares Santos
Santa Maria da Vitória - BA

Visitando a Agência de Coleta do IBGE, deparei em sua Biblioteca destinada ao público, com o nome de Dr. Artur Ferreira, sita a Rua Mal. Deodoro, 138, nesta cidade, com a importante Revista PALESTINA, de cuja publicação muito me interessa em recebê-la pontualmente, para a Biblioteca do Colégio Popular Oliveira Magalhães, do qual sou o 1º Secretário da Diretoria.

Adenor Batista Mariano
Sta. Mª da Vitória - BA

Na condição de estudante de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, recorri ao nosso DA a procura de revista de reportagem, qual não foi minha surpresa ao deparar com uma intitulada "PALESTINA" (Sanaud - nº 3); berço de um drama que a todo mundo interessa e que se arrasta já há algumas décadas.

Lendo-a pude inteirar-me de uma outra versão histórica da OLP que não a contada pelos "Sionistas" e seu grande aliado o "Imperialismo".

Assim, é que, objetivando formar uma idéia madura sobre a causa que abraçaram, gostaria de receber de V. Sas. além do nº 3 os dois outros que o antecedem e os que de futuro venham a ser publicados.

Carlos Magno de Araújo
Belo Horizonte - MG

Ha sido muy grato, para nosotros, haber recibido su revista que es la mejor manera de divulgar el sufrimiento y la represión a que se ha visto obligado a padecer el pueblo Palestino, y además con esta información se lucha abiertamente con la información distorsionada de los sionistas.

Lizbeth Abuchaibe Aaad
Secretaria
Sanaud - Barraquilla - Colombia

Desde aquí les damos un saludo fraternal y revolucionario. Y les hacemos llegar nuestro más fervoroso apoyo en sua heroica lucha. Nos dirigimos a Uds. con el fin de pedirles materiales de propaganda y difusión, tales como afiches, posters, fotos u otro tipo de publicaciones para realiar aquí una campaña propagandística de la lucha del pueblo palestino contra el imperialismo y el sionismo.

Desde ya les estamos muy agradecidos. Y cuenten con nuestro apoyo incondicional.

José Possamay
Comisión de Propaganda
Movimiento de Independientes
"26 de Marzo"
Montevideo - Uruguay

Como argentinos descendientes de sirios nos sentimos plenamente identificados con la causa palestina y obligados a luchar por la misma, en todo lugar y ocasión que se presente.

Todo esto se lo comunicamos porque es nuestro mayor deseo la instalación de una oficina y que el desempeño de la misma sea tan eficaz como la que existe en Brasil.

Desde ya le agradecemos muchísimo y lo felicitamos por su brillante labor, y ¡Siempre Adelante! pues cuando la luz de la Verdad nos acompaña, tarde o temprano, siempre se hace Justicia.

**Omar Nasr -
Sandra Nasr**
Buenos Aires - Argentina

Ao ler um exemplar de "PALESTINA", surpreendi-me com a realidade deste povo. Como pouco ou nada sei sobre os conflitos que ocorrem no Oriente, em especial no que concerne à questão Palestina, a revista foi-me de grande valia na medida em que pude verificar, em minha leiga avaliação, que tudo não passa de jogo de interesse do imperialismo norte-americano. O seu apoio ao Estado de Israel, (que o sustenta praticamente), é mais uma denúncia clara de sua política de colonialismo.

E quando Israel já tiver conquistado tudo quando poderia? Quando já tiver alargado suas fronteiras o suficiente? Existirá um "suficiente"? Suficiente para quem? Por que? Qual a posição da ONU uma vez que Israel não acata suas deliberações? Enfim, quais os reais interesses que se acobertam por trás deste expansionismo israelita? As questões religiosas não me convencem, mesmo porque, seria insano agir da forma como o faz o Estado de Israel, meramente por achar que tem mais direito àquelas terras, por herança religiosa, do que o povo palestino. Insano porque, afinal, religião não preconiza união entre os povos? Realmente, esta "justificativa" para toda a barbárie cometida contra os palestinos é de rir...

Peço-lhes que enviem, se for possível, os exemplares inclusive atrasados, da revista PALESTINA, para que possamos divulgar a causa desse povo a um maior número de pessoas.

Salete Rauber Klein - 1ª Secretária

Diretório Acadêmico - Dr. Guido Kaster
Curso de Nutrição
Universidade Federal de Pelotas - RS

Hoy con mucho placer me dirijo a usted, ya que tuve la grandiosa oportunidad de leer una "GRAN REVISTA" como la he denominado yo, ya que es más que una revista, es una historia verídica, que lo viven seres humanos, gente igual que nosotros, gente que lucha por algo que les pertenece, en un lugar tan lejano, pero tan cerca nuestro ya que son seres humanos al igual que nosotros.

Mi deseo es solicitarles se publique mi carta, por si alguien aún no se ha puesto a pensar si puede existir en este momento tales desgracias humanas.

Deseo saber que debo hacer para recibir la revista Palestina y como no tuve la oportunidad de leer "SABRA Y CHATILA" me gustaría recibir un ejemplar si hubiera en español.

Gladys Rodriguez Romero
Uruguay

Desde há muito interessada na história e cultura do povo árabe, tenho, na medida do possível, captado informações por ventura caídas nas minhas possibilidades; a exemplo das revistas PALESTINA.

Sabendo do esforço dessa entidade no sentido de preservar a cultura, a história, a soberania, enfim, os valores desse povo, solicito quaisquer informações a respeito de obras que relatem a história da Palestina.

Assim sendo, gostaria que me fossem enviados alguns livros que tratem do tema, mesmo que seja a nível de empréstimo.

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho
Teresina - Piauí



CARTAS

Tenho a grata satisfação de agradecer o envio da revista Palestina, gentilmente oferecido por V. Sa.

Aproveito o ensejo para parabenizar a equipe responsável por esta revista, pelo excelente trabalho nela publicado.

Deputado Randolfo Bittencourt
Câmara dos Deputados
Brasília - DF

Recebemos a revista Palestina, e estamos enviando os melhores agradecimentos.

José Moraes
Vice-Governador do Estado
Vitória - ES

Comunicamos, através deste, o recebimento da revista PALESTINA Nº 03 e aproveitamos a oportunidade para manifestar nosso apoio à causa do povo Palestino. Gostaria de continuar recebendo publicações da Organização para a Libertação da Palestina - OLP a fim de melhor contribuir, utilizando o mandato parlamentar que o povo de Teresina me conferiu, com a luta do povo Palestino, que é a luta de todos os democratas na defesa da liberdade e do progresso social.

vereador Osmar Júnior
Líder - PMDB
Teresina - Piauí

Agradeço e felicito a O.L.P. pelo excelente trabalho realizado através da edição da Revista Palestina nº 01 e nº 02 e Sabra e Chatila dois anos depois. A causa Palestina será uma realidade quando se tem um líder chamado Yasser Arafat.

Eduardo Abib
São Bernardo do Campo - SP

Ao cumprimentá-los, vimos por meio do presente, nos congratular, pela publicação da revista Sabra e Chatila Dois Anos Depois, a qual tivemos a oportunidade de ler e analisar.

Outrossim, podemos perceber a importância de tal publicação, que para nos tem uma profunda mensagem de caráter didático-pedagógico, visto que, nossa meta educacional procura proporcionar, tanto para o corpo docente como para os alunos, uma visão crítica voltada para a realidade do meio, esperando assim que se forme dentro de nossa comunidade escolar uma tomada de consciência justa, para que se possa obter uma real análise de conjuntura internacional.

Visto isto, e dada a importância que têm para nós, todo o tipo de denúncia feita contra à estes atos de violência para a humanidade, coordenados por países de regimes espúrios, tomamos a liberdade de solicitar que nos seja enviado todo o tipo de informações tanto audio-visual como publicações feitas por esta Organização, que desde já tomamos o compromisso de torná-las públicas para mostrar a nossa comunidade a solidariedade para com organismos, que como este lutam por justiça e pela paz mundial.

Mário Antônio Ribeiro
Secretário de Educação
Viamão - Rio Grande do Sul

Através da Universidade Católica de Pelotas, tive oportunidade de assistir o filme "Beirute 82". Uma loucura que só vindo para acreditar.

Eu fazia uma idéia do que aconteceu, mas minha imaginação jamais chegaria a tão aterradora situação. Uma realidade cruel e desumana.

Na oportunidade recebi as revistas "Sabra e Chatila 2 anos depois" e "Palestina" 2 e 3. Copiei algumas páginas e distribuí a colegas que não tiveram oportunidade de assistir o filme, nem receber as revistas.

Rogeane Bertussi
Pelotas - RS

Casualmente, numa Biblioteca da O.A.B., tive oportunidade de ler e me "apossar" da revista "Palestina", nº 2.

Amante que sou dos palestinos e ferrenho defensor das suas legítimas aspirações, gostaria, se possível, de receber os números pretéritos e futuros da publicação mencionada, assim como "Sabra e Chatila Dois Anos Depois".

Chegará a hora, mais cedo ou mais tarde, em que os usurpadores da sagrada Palestina terão o destino que merecem por quererem, a ferro e a fogo, sufocar um povo que só aspira existir dentro de sua casa milenar; um dia os dirigentes israelenses sentarão num tribunal internacional para responder pelos seus crimes contra a humanidade, pois os seus métodos e megalomania pouco diferem dos nazistas, seus professores.

A. A.
Recife - PE

Através da presente, venho agradecer a remessa dos números 1, 2 e 3 da revista PALESTINA, de responsabilidade editorial desse escritório de representação.

Acompanho, comovido, há vários anos, a luta do heróico povo palestino. Agora quero manifestar meu total e irrestrito apoio e solidariedade, pela conquista de seus ideais em defesa de seu território e de sua soberania.

Yves Consentino Cordeiro
Cascavel - PR

Tomei conhecimento da existência da Revista Sabra e Chatila - Dois anos depois, quando lia a página reservada para cartas da Revista Palestina nº 01, que tive o prazer de conhecer através da Biblioteca Campesina. A partir daí fiquei interessadíssima.

Gostaria se possível, que o Sr., me enviasse 01 exemplar da revista acima mencionada.

Gostaria também que me enviasse outras publicações já editadas, bem como os outros números que serão futuramente publicados.

Myriam Rodrigues Victor
Santa Maria da Vitória - Bahia

ÍNDICE

PALESTINA

Dos Jornais	2
Editorial	3
Solidariedade	4
O Dia da Terra	8
Notas	10
Cronologia Palestina	11
Birzeit	12
Eu acuso	13
Conto	14
A palavra oficial do Brasil	16
Cartas	16
<i>Os palestinos no Líbano</i>	

Diretor Responsável
Georges L. Bourdoukan

Colaboradores
Fawzi El-Mashni
Rájeħ Saadeh
Maria de Felipe Martinez
Aldegonda Granja B.

A Revista Palestina é uma publicação da Organização para a Libertação da Palestina no Brasil.

Endereço: SHIS - QI 07 - Conjunto 08 - Casa 08 - Brasília-DF - CEP 70.279 - Caixa Postal 122621 -

Telex (061) 1026 - NASR - Telefones: (061) 248-4760 - 248-4788

Composição, fotolito e impressão: Gráfica Valci Editora Ltda. - Brasília-DF





M
84